

— (Continuação da entrevista de 27-12-1947)

A questão das visitas

27 — 12 — 1947

(...) O que me dizes relativamente às visitas é uma grande verdade. Se nos colocarmos à disposição de quantos nos procuram, o serviço ficará por fazer. Aqui em Pedro Leopoldo, o enigma é um dos mais sérios. Todos chegam falando em caridade, mas se pedirmos a eles para serem caridosos, fogem acusando-nos. É preciso um verdadeiro "Ministério do Exterior" para tratar do assunto. Penso que isso deve fazer parte de nossas provas."

Chico refere-se a um problema que existe e persiste. É a questão das visitas. É uma questão realmente delicada e de difícil solução.

Entende-se perfeitamente que todos desejem aproximar-se de Chico Xavier. Visitá-lo. Abraçá-lo. Conhecê-lo mais intimamente. Por volta de 1947 já era grande o número de visitantes a procurá-lo. Mas Chico Xavier tem uma disciplina de trabalho. Precisa cumprir um programa e dar conta de suas responsabilidades. Muitas vezes se priva de contacto com amigos com os quais gostaria de se entreter. Quando o faz, isto é, quando se deixa ficar em conversações fraternas, é por um período de tempo

determinado. Não pode jamais esquecer os seus compromissos.

É bastante conhecido o episódio narrado por Ramiro Gama no seu livro "Lindos Casos de Chico Xavier". Conta ele que o médium estava, havia algumas horas, na sala de sua casa (em Pedro Leopoldo), conversando com amigos, quando Emmanuel aparece e o chama para o interior da casa. "— Você sabe que hoje temos a tarefa do livro em recepção e já estamos atrasados..." — falou o amigo espiritual. "— É verdade — concordou o Chico —, entretanto, tenho visitas e estamos conversando."

— Sem dúvida — considerou o Guia — compreendemos a oportunidade de uma a duas horas de entendimento fraterno para atender aos irmãos sem objetivo, porque, às vezes, através de banalidades, podemos algo fazer na semementeira de luz... Mas não entendo seis horas a fio de conversação sem proveito... (...) Bem, eu não disponho de mais tempo. Você decide. Converse ou trabalhe. Chico não mais vacilou."

E entregou-se à tarefa, deixando a conversação, que prosseguiu sem a sua presença.

Comentando o problema com Wantuil, confessa que muitos não entendem a sua posição. Não se trata aqui de visitas esporádicas, mas de grande fila de pessoas que o procuram e que o transcurso do tempo só fez multiplicar.

Por essa razão, foi fundamental para o labor do médium que o tempo de atendimento ficasse estipulado e rigorosamente disciplinado. É o que acontece, atualmente, em Uberaba, quando o nosso tão querido Chico Xavier, já enfermo e alquebrado, não tem mais condições de receber o público, a não ser por brevíssimos instantes. Sabemos que intimamente ele gostaria de estar no vigor dos anos, estuante de energias, atendendo às dores humanas, consolando e esparzindo a esperança, tanto quanto confraternizando-se com amigos.

“Sabendo quem é o companheiro que emprestou à FEB os recursos para aquisição das oficinas, muitas vezes medito os sacrifícios dele pela Causa. Quando julgas que a FEB pagará a esse abnegado trabalhador a volumosa importância do empréstimo paternal, sem juros? Isto não é da minha conta, mas impressionado com os sacrifícios desse companheiro, em muitas ocasiões penso neste caso. Permite Jesus que ele não sofra prejuízos materiais, por quanto já deu tudo que lhe era possível e continua como o servo nº 1, não obstante sentar-se na Presidência. (...)"

De maneira comovente Chico fala a Wantuil sobre os sacrifícios a que ele se impôs para a aquisição das oficinas gráficas. Wantuil de Freitas quis manter-se no anonimato, mas Chico sabe de seu desprendimento e dedicação.

“Sabendo quem é o companheiro que emprestou à FEB os recursos para aquisição das oficinas, muitas vezes medito os sacrifícios dele pela Causa. Quando julgas que a FEB pagará a esse abnegado trabalhador a volumosa importância do empréstimo paternal, sem juros? Isto não é da minha conta, mas impressionado com os sacrifícios desse companheiro, em muitas ocasiões penso neste caso. Permite Jesus que ele não sofra prejuízos materiais, por quanto já deu tudo que lhe era possível e continua como o servo nº 1, não obstante sentar-se na Presidência. (...)"

O nosso Deus é um fogo consumidor

4 — 1 — 1948

“(...) Compreendo-te as lutas na direção da Casa que nos é tão venerável. Eu nada represento, sou um verme na máquina do serviço espiritual e de há muito me sinto em pleno fogo. Há momentos em que me vejo desencarnar sob a pressão das duas esferas — a visível e a invisível. Valha-nos, meu caro amigo, a afirmativa do Apóstolo quando nos disse: — *O nosso Deus é um fogo consumidor.*”

Este trecho da carta de Chico Xavier traz à nossa mente as palavras de Jesus: “Eu vim lançar o fogo sobre a Terra, e que desejo senão que ele se acenda? Eu devo ser batizado com um batismo, e quanto me sinto apressado que se cumpra!” (Lucas, 12:49 e 50.)

Nenhum de nós, por certo, pode sequer imaginar as lutas tremendas enfrentadas por Chico Xavier. Certamente, a imagem que temos de sua vida particular é aquela do cidadão pacato, posto em sossego, nos instantes em que não está atendendo ao público, que se tornou a cada dia mais numeroso.

Por certo, julgamos que Chico Xavier passa os dias em perfeita tranqüilidade de espírito, entregue ao seu